

Economia Brasil **Recessão só para induzir ao pacto social**

**RAPHAEL DE
ALMEIDA MAGALHÃES**

São visíveis os sinais de uma grossa recessão em marcha batida para uma depressão. É o depoimento que se recolhe dos empresários brasileiros. E que em nada discrepa da opinião corrente nos meios sindicais mais responsáveis. A começar pela do Luiz Antônio de Medeiros, encurrado entre o "confrontacionismo" da CUT e a política salarial do Governo.

A estas manifestações soma-se, agora, a previsão do Ipea de que o País está entrando na maior recessão da sua História. E o Ipea não é um órgão nem dos trabalhadores nem dos empresários, mas do próprio poder público, vinculado ao Ministério da Economia. É uma opinião, em consequência, insuspeita como oficial.

Anuncia o Ipea, segundo matéria de ontem do GLOBO, que o Produto Interno Bruto vai sofrer, neste ano de 1990, uma retração superior a 4%, com uma queda de 9.8% no setor industrial. Isto, além de uma brutalidade, significa que o Brasil, já tão pobre, e que empobreceu na década de 80, vai ficar ainda mais pobre este ano. Perderão, sem dúvida, com a queda do produto, mais que proporcionalmente, como sempre acontece, os mais pobres. E se restringirá, ainda mais, a capacidade de gasto do setor público, inclusive com relação aos serviços de segurança pública, uma indiscutível e dramática prioridade nacional. Tudo

com o agravante, como sublinha o mesmo Ipea, de que, se a recessão é uma realidade concreta, é pouco provável, apesar dela, que a inflação seja efetivamente posta sob controle.

Estamos chegando à recessão pela contenção dos salários. Por esta via é que as autoridades econômicas tentam reduzir a demanda e forçar a baixa dos preços. Os assalariados, mais uma vez, estão sendo chamados a pagar o preço maior pelo ajustamento. O que, diante do perfil da renda nacional, é a forma mais iníqua de combater a inflação. E que envenenará, ainda mais, as relações entre o capital e o trabalho, contribuindo para reforçar o sindicalismo de confrontação e o sindicalismo de fundo populista, o que não serve ao projeto de modernização do País.

É claro que a inflação deve ser combatida como o inimigo número um da classe operária. Como é claro, também, que uma moeda sólida e estável é condição para o êxito de qualquer política social. Não quero os salários indexados. Gostaria, aliás, de ver a indexação eliminada da vida econômica do País. Como quero, ardentemente, o sucesso do Governo, inclusive no combate à inflação. Para o que se torna necessário que reavalie, corajosamente, a sua estratégia. E a ela prefira o diálogo com empresários e trabalhadores de que possa resultar uma política de rendas socialmente negociada e o posterior engajamento de todos em um projeto de retomada do crescimento econômico. Para retirar o País da depressão psicológica em que se encontra e que tenderá a se agravar, perigosamente, com a escalada da recessão.